

AS RELAÇÕES ENTRE A CARTOGRAFIA E A PINTURA NA HOLANDA NO SÉCULO XVII: ALGUNS DADOS

Duílio BATTISTONI FILHO

Nos estudos da História da Arte é grande a relação que existe entre a cartografia e as imagens e tem despertado o interesse dos historiadores pelo assunto. Os mapas nos fornecem a descrição de um lugar, dados quantitativos e rotas geográficas, enquanto que as imagens são mais evocativas e visam, antes de tudo, nos dar certa qualidade de um lugar que o observador tem dele.

A arte tem contribuído, através dos tempos, para o conhecimento geográfico de uma região. Só para dar um exemplo, em 1850, *a pintura de paisagem foi usada para servir ao mapeamento de uma região*, quando o Congresso dos Estados Unidos encomendou litografias de paisagem do Oeste como preparação para escolher uma rota para a construção da ferrovia continental.

Os cartógrafos e geógrafos nunca negaram o componente artístico dos próprios mapas. É lugar-comum na literatura cartográfica assinalar que os mapas combinam arte e ciência, e a grande época dos mapas holandeses do século XVII oferece um magnífico exemplo desse fato. Não nos esqueçamos que o **Atlas Histórico** é uma invenção holandesa. Conta-se que, em 1663, Luis XIV foi presenteado com um Atlas do Mundo em doze volumes, obra do geógrafo holandês Willem Jansz Blauer, com uma introdução explicativa enaltecendo a Geografia **como o olho e a luz da História** e a importância dos mapas que permitiam às pessoas contemplar em casa, e bem diante de seus olhos, coisas que estavam extremamente distantes. A observação de Blaeu é uma introdução

apropriada a um Atlas de imagens que registram grandés viagens e explorações.

Uma grande variedade de pessoas tomou parte na explosão por que passou a ilustração geográfica no século XVI. Muitas razões podem ser dadas para essa explosão: operações militares, demanda de notícias, comércio, recursos hídricos e geológicos, entre outras. Um aspecto geral é a confiança nos mapas como forma de conhecimento e um enorme interesse nos aspectos particulares desse conhecimento.

A conexão entre mapas e criação pictórica remonta, pelo menos, à **Geografia de Ptolomeu**. Este monarca era tão cuidadoso com os aspectos geográficos, quanto o era com relação ao papel do artista. Argumentava que o termo **graphikos** se referia a um criador artístico, e **grapho** representava corografia, topografia, termos usados para definir seu campo de estudo. Com a sua descoberta, tradução e ilustração, o texto ptolomaico se inseriu na tradição verbal e pictórica da Renascença.

É importante assinalar a aura de conhecimento que cercava os mapas enquanto tipo de imagem. Sua execução envolvia a posse de um tipo especial de habilidade que não se deve subestimar quando se considera a relação da arte com a cartografia.

A arte holandesa, como os mapas, estava à vontade com suas conexões com a estampa e a escrita. Não só os artistas holandeses eram frequentemente autores de estampas, acostumados a colocar imagens sobre a superfície de uma página impressa, como também se sentiam à vontade com as inscrições, os rótulos e até mesmo com a caligrafia. Os artistas e geógrafos estavam relacionados não só genérica como também especificamente em descrever o mundo e seus aspectos artísticos.

Dois tipos de imagem são inerentes à cartografia em sua fonte e natureza: a paisagem e a vista topográfica da cidade. Paisagem e cartografia estão ligadas na Holanda no século XVII pela noção do que é desenhar. Em muitas paisagens cartografadas, assim como em mapas de pequenas áreas, as cidades - com suas torres de igrejas, moinhos de vento e arvoredos - aparecem como balizas, marcas sobre a terra como para guiar os viajantes, e não como evocações de coisas particulares. A cartografia permite-nos descrever com mais exatidão a natureza em sua totalidade.

Na Holanda, com sua terra plana e relativamente desarborizada, os grandes projetos de aterramento e água, de um lado, e a atividade militar, de outro, contribuem para a procura de mapas detalhados. Embora sua planura seja semelhante a um mapa, era difícil obter um lugar vantajoso de onde pudesse olhá-la. Os holandeses aproveitavam toda oportunidade que podiam para galgar suas numerosas torres e dunas costeiras com esse intuito. Na verdade, esses mesmos aspectos - condição de seu mapeamento - são alguns dos motivos das imagens cartografadas.

Os mapas eram considerados como se fossem descritivos como eram as pinturas. Nos escritos dos geógrafos, era lugar-comum falar de um mapa como algo que colocava o mundo ou um lugar diante dos olhos do observador. A cosmografia reflete a imagem e a aparência do mundo tal como um espelho reflete o nosso rosto. Noutras palavras, vemos a pintura e a imagem da terra. Jan Micker, pintor holandês, pintou literalmente a Amsterdã cartografada, unindo a natureza gráfica do mapa às qualidades semelhantes de uma pintura.

Nessa ocasião, os mapas eram guardados longe das vistas dos curiosos pelo simples fato de poder revelar informações confidenciais de um país para outro e que pudessem pôr em risco a segurança de um país. É público e notório que as Companhias de Comércio holandesas guardavam suas cartas marítimas contra os competidores. Há um relato interessante de Isaac Massa - um ex-representante holandês na Rússia - no qual ele nos fala da dificuldade que teve em Moscou para obter um mapa da cidade, pois o governo russo proibia a entrega ou empréstimo de um mapa a um estrangeiro. Esse medo evoca não só uma velha ansiedade russa em relação aos estrangeiros, mas também uma valorização seiscentista do conhecimento transmitido em forma de mapa. Noutras palavras, dá-se muita ênfase ao valor de uma imagem. Mesmo para a pessoa do lugar, ou para o viajante em Moscou, o mapa permitia ver algo que de outro modo seria invisível. Dizê-lo dessa maneira é chamar a atenção para aquilo que os mapas têm em comum com outras imagens holandesas da época, imagens que estavam associadas com, e eram usadas para registrar, o que era visto num microscópio, algo que também seria de outro modo invisível. Como as lentes, os mapas eram referidos como óculos que colocam os objetos diante do olho. O gênero de vistas topográfico de cidade é um exemplo clássico que encontramos na arte holandesa. É o caso da pintura

Vista de Delft de Vermeer, brilhante exemplo da transformação de um mapa em pintura que o impulso cartográfico engendrou na arte holandesa. O artista procura repor a cidade com sugestões que revelam intimidade da habitação humana, quando a cidade amanhece e muitos de seus habitantes estão conversando à beira-mar. Outro quadro seu **Arte de Pintar** capta com maestria uma grande quantidade de conhecimentos históricos e geográficos. Nele o pintor compara a figura feminina (Clio) e o mapa. Ela é enfeitada com louros, segurando uma trombeta e um livro. O mapa que está à sua frente é uma imagem que funciona como uma espécie de descrição da Holanda cuja orla marítima estava coalhada de navios e com vistas de suas maiores cidades.

O gosto pelas vistas e detalhes topográficos fizeram com que o diácono Pieter Pourbus - pintor, cartógrafo e agrimensor representante da guilda de São Lucas em Antuérpia - usasse as mais modernas técnicas de agrimensura para produzir os seus notáveis mapas.

Na Holanda renascentista, os artistas eram empregados na execução de todos os tipos de mapas e plantas. Sabe-se que os mapas ali eram vendidos pelos comerciantes que comerciavam outros tipos de gravura. O editor cartográfico Nicolas Visscher foi responsável pelo mapa representado na **Arte de Pintar** de Vermeer.

Interessante observar que, embora a cartografia possa servir de signo de propriedade da terra, ela não exhibe, por sua natureza, signos pictóricos de autoridade. O que os mapas apresentam não é a terra possuída, mas conhecida em muitos aspectos. A propriedade fundiária tinha irrelevância política e social. O importante para os holandeses era a liberdade de cartografar a terra. O quadro de Rembrandt, **O campo de Golweigher**, é um exemplo interessante do modo cartográfico holandês.

Quando os mercadores holandeses investiam em casas de campo, o que eles queriam ver eram os seus retratos e os retratos de suas casas - a expressão de uma boa vida - e, não o poder sobre a natureza e a terra. Diferente acontecia na Inglaterra, cujas casas representavam sinais de riqueza e autoridade.

Um viajantena Holanda confirmou que mesmo as residências de sapateiros e alfaiates exibiam em suas paredes mapas de marinheiros graças aos quais, comentava ele, podia se conhecer as Índias e sua história. A história mapeada pode oferecer uma visão isolada ou talvez

mesmo culturalmente imparcial daquilo que deve ser conhecido no mundo.

O registro holandês de sua efêmera colônia no Brasil é um caso extraordinário a esse respeito. O país é pintado com suas feitorias circundando a terra, de um lado, e vistas de nativos trabalhando na terra, de outro. O que se nota é que os registros pictóricos são representados e não os verbais. A equipe sem precedentes de observadores que o príncipe Maurício de Nassau reuniu incluía homens peritos em História Natural e em Cartografia, e também em Desenho e Pintura. Eles reuniram um registro pictórico único da terra brasileira, sua flora e suas coisas exóticas. Basta observarmos, para tanto, as pinturas de Albert Eckhout, com seus relatos fabulosos sobre a paisagem pernambucana, que tanto fascinavam os europeus. Para concluir, podemos dizer, que nenhuma cultura reuniu tantos conhecimentos através das imagens como os holandeses.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - HAUTECOEUR, Louis. História Geral da Arte. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, vol. 4.
- 2 - LEITE, José Roberto Teixeira. A Pintura Holandesa no Brasil. Rio de Janeiro, Edições GRD 1967.
- 3 - MAHLER, Jane Gaston. Histoire Mondiale de l'art. Marabout Université, 1966.
- 4 - Map. In: Encyclopaedia Britannica, vol. 14, 1962.
- 5 - ALPERS, Svetlana. A Arte de Descrever: A Arte Holandesa no Século XVII. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- 6 - VIEIRA, Neuza Machado. As Funções dos Mapas na Pesquisa Histórica. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Anais da IV Reunião, 1985.